

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUIOMAR TORREZÃO

2.^a SERIE

LISBOA, 5 DE JUNHO DE 1881

NUMERO 27

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes o favor de mandarem renovar as suas assignaturas, que terminaram, no numero 25 da 1.^a serie, começando a 2.^a serie no n.º 26. Aos srs. assignantes das provincias que não tenham pago até esta data, ser-lhes-ha suspensa a remessa da nossa folha.

Os srs. assignantes do extinto jornal EVOLUÇÃO, que deixem de receber as RIBALTAS em virtude da empreza os julgar indemnizados, queiram prevenir-nos se desejam ou não assignar para o nosso semanario.

CHRONICA ALEGRE

Poucas novidades.
Poucas e más.

Muito calor e nenhum refrigerante, a não ser o Passeio Publico, plantado de arvores que pelo seu aspecto denotam haverem assimilado lentamente a pontinha de febre e a melancolia imbecil inherente a uma geração de lymphaticos, e torrado ao sol dardejante entre duas grades escandecentes; o jardim de S. Pedro de Alcantara occulto entre duas muralhas, como uma praça forte, ou o Aterro impregnado pelas essencias deliciosas exhaladas dos buchos das pescadas e das canastras da sardinha.

E á medida que a alta da temperatura prostra os nossos pobres nervos *engourdis*, cordas lansas de um stradivarios desafinado, absorvendo a parcella de actividade de que ainda pode dispôr um povo anemico e indolente, a variola pela sua parte absorve avidamente a vida das crianças que pendem dos braços das mães, como um botão de lyrio tombado na haste!

É verdade que as manhãs de Cintra continuam a ter a mesma transparencia diaphana, illuminando a mesma vegetação tropical.

É certo que as bellas arvores robustas e frondosas, entrelaçando doidamente as folhagens convulsivamente reffloridas e repellindo os raios hostis do sol, abrigam ainda os mesmos rouxinoes.

É fora de duvida que a agua da Sabuga e as queijadas da Sapa, comidas á sombra dos castanheiros, ao som mûrmuro dos regatos infiltrando-se nos musgos luminosos, são ainda n'este momento um refugio supremo para quem não pode ir afogar o olhar nas pradarías sinuosas da Suissa, e retemperar os pulmões na cumiada das cordilheiras dos Alpes.

Cintra, porém, a bella requestada pelo poeta do *Childe Harold*, no momento em que desfolha caprichosamente as suas japoneiras que esmaltavam garridamente os fetos colossaes, de palmas arrendadas como um marfim japonez, perde a sua ideal poesia translucida e calma.

Desde que os coupés de Binder e os *huits resorts* começam a riscar no saibro das avenidas o traço rectilíneo e estreito das suas rodas celeres e subtis como o vôo das gaivotas, e o *ylang-ylang*, espalhando-se no ambiente, substitue o aroma natural do trevo e do feno, desde que os *cottages*, até então calados e escondidos em ninhos de verdura, banhando-se ao luar em claridades lacteas e abandonando-se sem testemunhas profanas aos genios alados da solidão, abrem as janellas, sacodem o pó, correm as cortinas e escancaram os pianos, afugentando prozaicamente com o *miserere* do *Trovador* e a cavatina da *Traviata*, ganidas pela millesima vez no teclado estafado, os pobres rouxinoes humilhados, Cintra deixa de ser um idyllio de Gessner para ser uma pagina de Zola.

A alta vida lisbonense com todas as suas impertinentes preten-

ções, flanqueadas de outras tantas vaidades, arranca-lhe ferozmente o veu e a coroa branca de Rosiere com os quaes ella surgira, risinha, bucolica e attractiva, diante da nossa ardente invocação, promettendo-nos um douche, offerecendo-nos uma bella aguarella de crepusculo, contemplado em Seteais e um raminho de *forget me not* colhido na quinta da Regaleira, e sobre tudo um ermo, profundamente silencioso, fadado para a *rêverie* dos incompreendidos e dos tristes, e substitue-os pelo vestido *Korrigana*, o mais absurdo, o mais *tapageur* e o mais tolo dos vestidos modernos.

E se, renunciando a Cintra que exhibe um luxo doido, quando nós lhe pediamos a simplicidade campestre das aldeias, que nos dá um capitulo do Chiado, sem a correcção do asphalto mas com um consideravel augmento de artificio, permanecemos em Lisboa, ella pela sua parte ministra-nos galantemente a dose indispensavel de toxicos para qualquer viajar d'esta para melhor vida.

Lisboa envenena-nos na agua, tendo a attenção previa de certificar-nos, depois de a baptisar com Champagne espumante, que é lymphica de crystal do Alviella a mesma agua turva, absolutamente identica e á que anteriormente bebiamos.

Lisboa envenena-nos no leite, o qual não sendo de antemão sujeito á analyse chimica de um laboratorio municipal, como o que existe na Prefeitura de Paris, e circulando livremente, deposita no nosso estomago incauto 12 porções de agua de cal, farinha de arroz, fecula de batata, etc., etc., e uma de leite.

Lisboa envenena-nos no vinho onde o pau de campêche substitue, com publica e notoria vantagem do commerciante, a uva.

Lisboa envenena-nos no pão manipulado com trigo avariado.

A proposito d'estas e de outras gentilezas perpetradas pelo amor do proximo, applicado em amphiguri, escreveu Alphonse Karr:

«Se eu envenenar o meu padeiro ou o meu tendeiro, apanho pelo menos 10 annos de degredo. Se o meu tendeiro me envenenar, o negocio resume-se a 40 francos de multa.»

E depois d'estes envenenamentos urbanos, Lisboa incumbe-se ainda de psalmodear-nos aos ouvidos o *Memento homo*, viciando a atmosfera que respiramos, privando-nos da porção de oxigenio inherente ás emanações vegetaes, ministrando-nos a dose de poeira indispensavel para asphyxiar os bronchios e crestar os pulmões e dando-nos, como suprema compensação do imposto, o paraiso municipal do Passeio publico... a tostão por cabeça.

E depois d'isto, ainda haverá quem diga que este mundo não é o melhor de todos os mundos possiveis, como affirmava Falstaff?

GUIOMAR TORREZÃO.

CARIÁTIDES

Escorços dramaticos

G. das A.

Les dieux s'en vont!

Foi isso que a obrigou uma bella noute a descalçar o cothurno tragico e a enfiar burguezmente o pantufo caseiro.

Não desapareceu no occaso n'uma grande pompa de aurora boreal... de lona pintada, despedindo-se estrepitosamente, como a Dejaset.

Não percorreu o mundo, antes de fechar-se em casa, como a Ristori.

Não teve a fantasia, o capricho encantador, o *refinement* de bom gosto indispensavel para cair, logo aos primeiros voos, como as borboletas que se queimam na chamma abrasadora, voltando para a eterna noute do tumulo ao alvorecer festivo da juventude, como a Malibran e a Manuela.

Preferiu afundar-se lentamente no grande mar do esquecimento.

E todavia, foi ella que fez as delicias de uma geração e os assombros de uma legião de criticos, á frente dos quaes caminhava um campeão estrenuo, armado de ponto em branco, agitando um labor onde se lia em caracteres negros: GRATIS.

Este paladino, digno de ser cantado na trova do sr. Antonio de Serpa, distillava periodicamente dos bicos da penna de pato uma groza de adjectivos, n'uma epocha em que os adjectivos não tinham ainda attingido a vulgarisação galante de serem offerecidos ás duzias, como as laranjas.

O *Gratis*, lido avidamente ao longo dos arruamentos sequiosos de noticias, levava todas as manhãs á espectação das massas, debruçadas dos balcões, arrastando-as todas as noutes para os bancos das plateias, a lista dos extraordinarios dotes que concorriam na pessoa da grande actriz. Ella era :

Incomparavel,
Prodigiosa,
Pyramidal,
Maravilhosa,
Assombrosa,
Pasmosa,
Immortal,
E sobre tudo,

Linda! linda! linda!

O *Gratis*, por um lado, e pelo outro os dotes physicos da diva, perpetuaram-lhe áquem e alem do palco o *sobriquet*.

Linda! linda! linda! repetiam os echos da cidade de granito á beira mar plantada.

Alta, admiravelmente talhada para servir de modelo a um esculptor grego, contemporaneo de Aspasia, com uns formosos braços lisos, brancos e roliços, um perfil correcto, de um severo desenho bysantino, banhado pelo intenso fulgor sombrio e ardente dos olhos rasgados e negros como o onix, dispondo de uma voz poderosa e insinuante, cheia de inflexões imperiosas e de escalas abarytonadas, a musa tragica de Corneille e Racine lançou-lhe nos hombros largos, de uma bella plastica antiga, o manto de Phedra.

Attraida para o theatro por uma d'essas vocações profundamente

accentuadas, que circulam impetuosamente no organismo como a seiva nas plantas, produzindo as florescencias precoces e as metamorphoses repentinas, ella entrou na scena exactamente como poderia entrar no banho, mudando apenas de fato, e mantendo acerca do ensino rudimentar da letra redonda e do tirocinio dramatico do conservatorio um horror sagrado e um desdem absoluto.

De caminho para a gloria a letra redonda afigurou-se-lhe uma bagagem perfeitamente inutil e incommoda.

O talento assombroso e inculco como as florestas virgens, exuberando d'esse estranho temperamento, verdadeiramente extraordinario, e cachoando em borbotões, operou então verdadeiros milagres.

Mediante uma prodigiosa força de vontade o diamante bruto lapidou-se no attrito das proprias imperfeições, e tambem um pouco no buril de Emilio Doux, e adquiriu o brilhantismo indispensavel para poder ser engastado no diadema das rainhas da arte.

Ella passou victoriosamente atravez do drama e da tragedia e transmittiu a scentelha, inutilmente ambicionada pelo algemado Prometheu, a todas as visões radiosas sonhadas pelos poetas.

Hoje a mulher que mais ardentes ovações arrancou a um publico delirante, escondida na penumbra do lar, apenas desperta a esse mesmo publico uma fria lembrança, instantaneamente apagada.

A gloria do theatro parece-se com a apothose das magias: desaparece de subito no momento fatal em que o panno cae.

Quantas vezes E. das N., fazendo obscuramente *crochet*, ao *coin du feu*, em vez de fazer phrases á luz deslumbrante das ribaltas, e experimentando a terrivel nostalgia do palco, não sentirá em toda a sua pungitiva realidade a angustia admiravelmente expressa nos versos dantescos :

*Nessun maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria...*

THALIA.

ATRAVEZ DO BINOCULO

Theatro de D. Maria

RECITA EXTRAORDINARIA PROMOVIDA PELA ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E ESCRITORES PORTUGUEZES

PARA SOLEMNISAR O SEGUNDO CENTENARIO DE CALDERON DE LA BARCA

A sala do theatro de D. Maria, apta como poucas para estes festivaes grandiosos, de um character inteiramente excepcional, apre-

de pessoa alguma. E o motivo é obvio; não carecem do proximo. Tratam de paredes meias com o Deus piedoso que decerto é um amigo mais interessante e um camarada mais aprasivel do que qualquer creatura humana, ainda a melhor. As almas mysticas não podem dispensar aos miseros humanos senão um minguado quinhão de affectos. Conto pois bem pouco com a prometida afeição, já t'o disse; como tambem te asseverei, que me habituari sem a menor difficuldade á solidão em que vou viver. Em primeiro lugar, eu nunca estou só, trago-te sempre identificada commigo, esteja onde estiver. Depois, o habito de te escrever cartas enormes, supprime amplamente a ausencia de interlocutores.

Para começar, vou contar-te como aqui cheguei, hontem, atravez de um denso nevoeiro, que me não permittia sequer distinguir o aspecto superficial do paiz. Pela lentidão do trajecto, que a pobre azemola, alugada em Chambéry, a custo percorreu, comprehendí que subiamos uma rampa interminavel. O meu guia tinha pressa de chegar. Parecia-me que elle estava inquieto, porque a opacidade do nevoeiro augmentava progressivamente, deixando-nos apenas entrever a furto um caminho estreito e sinuoso que orlava a garganta dos precipicios. Contrariou-me deveras não poder gosar esse espectáculo. Tomei então o partido de me apear e de caminhar a pé durante a ultima hora de jornada, aliás adormeceria e chegaria a casa do senhor duque com a expressão idiota dos estremunhados. Havia ainda a indispensavel claridade para eu saber onde punha os pés.

Ao abrigo do bello capote escossez, que me offereceste, a ca-

FOLHETIM

ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

QUINTA CARTA

JUSTO ODOARD Á SR.^a DE NESMES

Castello d'Autremont

É certo que já estás inteiramente boa, minha querida mãe? Quanto és bondosa por me teres enviado o telegramma que acabo de receber. Espero que o correio de amanhã me trará uma carta com a tua letra. Terei assim o espirito desassombrado e o coração satisfeito para travar conhecimento com o *patrão*, de quem acabo de receber as ordens, em quanto espero que elle me conceda a promettida amisade.

Não comprehendo muito bem a possibilidade de me afeioar grandemente a um catholico fervoroso, discipulo, segundo me affirmaram, do christianissimo sr. Sainte Fauste. Esta classe de individuos são susceptiveis de tudo quanto ha bom; mas não gostam

sentava na noite de 27 de maio um aspecto magestoso e solemne, onde os festões de flores que pendiam dos camarotes, inundados de luz e povoados de mulheres elegantíssimas, punham uma nota ridante e deslumbrante.

A comissão de litteratura dramatica, pertencente á *Associação dos jornalistas e escriptores*, á iniciativa da qual se deve a recita Calderoniana, esmerou-se para que o programma do espectáculo offerecesse todos os requisitos susceptiveis de attractar o publico; e por este lado viu coroados do melhor exito os seus esforços. A sala encheu-se de *fond en comble*. Capitalistas, titulares, jornalistas, poetas, escriptores e senhoras, muitas senhoras: em um camarote de frente o ministro hespanhol, auctor d'esse delicioso romance peninsular *Pepita Gimenez*; na frisa correspondente, o consul de Hespanha; em um camarote de bocca sobrescia a cabeça typica de Eça de Queiroz. No camarote da direcção desenhavam-se no fundo esculptado o busto grave e pensativo de Antonio Ennes, com a sua bella pallidez de asceta do estudo, e a cabeça vigorosamente colorida de Emygdio Navarro, o ardente polemista. A trunfa loira de Jayme Segueiro ondeava, como um feixe de espigas, a par da cabeça de Christo hollandez de Fernando Caldeira.

O sr. Fontes, hirtó e omnipotente, fazia *pendant* na 1.^a ordem ao vulto do rei, singelamente e nonchalantemente encostado ao peitoril, como um bom burguez obscuro.

O programma, á parte ligeiras alterações, executou-se á risca, faltando todavia uma cousa sem a qual não ha apothose possivel, e que a *Associação dos jornalistas* não ponde, por mais que fizesse, obter, — o Enthusiasmo.

O publico, frio e immovel, presenciou sem a menor commoção, sem nenhum d'esses arrebatamentos espontaneos que agitam electricamente uma multidão, dominando-a como um só individuo, a coroação do busto de Calderon. Viu imperturbavel o quadro, verdadeiramente esplendido, que apreseatava o palco, banhado de luz Drumond, aformoseado pela presença das actrizes dos theatros de D. Maria e Trindade, em grande *toilette*, suspendendo dos braços corôas, e escutou silenciosamente o *hymno a Calderon*, de Rogel, excellentemente cantado pela companhia da Trindade, e por ultimo a breve e sentida allocução pronunciada pelo grande actor Rosa Senior, limitando-se aos applausos dos dias ordinarios, mas abstenendo-se de intervir na manifestação.

O motivo d'essa frieza relativa, explica-se, talvez, não só pela habitual reserva, anti-peninsular, do povo portuguez, como pela estranheza que desperta nas maiorias menos letradas o nome de Calderon, que está longe de ser um d'esses grandes nomes europeus, como o de Camões, Cervantes, Shakespeare, Dante, Milton, etc.

cimba não conseguiu molhar-me. Uma rajada de vento rasgou de subito o espesso cortinado e eu achei-me em face de um velho solar romantico, empoleirado sobre a crista dos rochedos, parecendo suspenso no vacuo em consequencia do talud, cortado em declive rapido, mergulhar em um oceano de nuvens pardas, que lembavam vagamente o Cahos. Pela fenda aberta na alto da montanha avistava-se o céu marchetado de negro sobre um fundo verde-mar, que dava um estranho relevo aos angulos salientes dos agudos telhados do castello. Tudo extravagante, fantastico, mas verdadeiramente bello. Esqueci totalmente a fadiga da jornada.

A grade estava aberta de par em par. Penetrei em um corredor estreito e sombrio e achei-me em face de um velhinho, escoltado por dois creados que empunhavam archotes.

Percebi que não podia ser o duque, que conta 26 annos, nem seu pae que morreu ha tempo. Lembrei-me, em vista do vestuario irreprehensivel e apparencia distincta do ancião, se seria o avô ou o tio do duque. Saudei-o respeitosa e comprehendeu o meu equivoco e apressou-se a dizer-me que era Champorel, primeiro creado de quarto e confidente do senhor duque. Este ausentara-se de manhã cedo; tinha ido ver um parente doente, e era de suppôr que não voltasse senão no dia seguinte. Prevenindo a minha chegada n'essa noite, encarregara Champorel de me receber o melhor possivel. A' medida que expunha estas particularidades, o velho, anticipando os meus intentos, dirigiu-se ao meu cicerone, que entrara atraz de mim no pateo

A *Associação musica* 24 de junho, admiravelmente regida pelo insigne maestro Colonne, executou primorosamente tres formosissimos trechos de Saint-Saens, Ambroise Thomas e Guiraud, distinguindo-se especialmente no entre-acto, tocado com extraordinaria delicadeza e finissima gradação de tons, da *Mignon*, que obteve as honras de bis.

Depois do 1.^o acto do *Drama Novo*, brilhantemente desempenhado por Carolina Falco, Brazão, João Rosa, Augusto Rosa e Antunes, seguiram-se trechos de varias peças de Calderon, traduzidos por Latino Coelho, Fernando Caldeira e Sousa Monteiro, e lidos pelos actores João Rosa, Brazão, Augusto Rosa, Carolina Falco, Emilia dos Anjos e Rosa Damasceno.

A quarta parte do programma, de certo uma das mais attraentes, compoz-se de uns versos profundamente dramaticos, e delicadamente cinzelados, de Marcelino Mesquita, recitados pelo auctor, depois do qual recitaram Christovão Ayres, Fernando Caldeira, Augusto Rosa, Falco e por ultimo a actriz Virginia, que repetiu duas estrophes, rendilhadas como uma filigrana tenuissima, de Fernando Caldeira:

NEM SEMPRE É SONHO

Dizem que a vida é simplesmente um fio,
um sonho fugitivo, um sópo, um ai!
folha que passa a fluctuar n'um rio,
que entre os vaes-vens do mundo vem... e vae.

Mas outro sopro ás vezes vem, que agita
as cinzas que o sepulchro já contém;
resurge a vida então, vida infinita,
que entre os vaes-vens do mundo vae... e vem.

Não se descreve o encanto, o sentimento ideal, a expressão sonhadora e melancolica que a grande actriz imprimiu n'esses oito versos, convertidos pelo seu maravilhoso talento em um successo por aclamação.

No meio do espectáculo, uma verdadeira inundação de poesias, luxuosamente impressas, enlaçando parte d'ellas pequeninos bouquets viçosos e perfumados, soltou-se esvoaçando na sala como um enxame de pombas.

OS DOIS SARGENTOS, *drama em 3 actos traduzido por Chaves de Aguiar.*

Chorar no theatro, tomar a serio as peripecias commoventes de um drama sentimental, é de um burguezismo ultra pueril, susceptivel de fazer estalar de riso todos os meus illustres collegas nas letras e no jornalismo.

—É preciso cuidar d'este homem, disse para os outros serviaes.

—Olá! é o tio Redore! Não pense mais n'elle, acrescentou voltando-se para mim, gratifical-o-hemos; o senhor é que não tem nada com isso. E em vista do mau tempo, não consinto que o homem se ponha a caminho, ficará no castello. O senhor está encharcado, tenha a bondade de seguir-me: espera-o um fogo reparador.

Segui-o então atravez de uma serie de galerias abobadadas até chegarmos a um pavilhão que me era destinado e que é de um conforto irreprehensivel: quarto de dormir alcatifado, grandes fogões, onde ardia um lume alimentado com ramos de pinheiro; gabinete de trabalho espaçoso; quartos de lavar e de vestir, e uma vista soberba, segundo affirmava o mordomo. O senhor verá amanhã, dizia elle quando o nevoeiro se dissipar, o que na estação presente não se fará esperar muito. A' medida que fallava accendia os candelabros e fazia signal a um dos seus subordinados para me tirar o capote e ao outro para me descalçar e dar-me as chinelas forradas de pelles, que esperavam, competentemente aquecidas pela temperatura do fogão, a chegada da minha illustre pessoa.

Trad. livre de

(Continua.)

PAULA RAMANZI.

Pois bem, eu venho penitenciar-me d'esse feio peccado declarando publicamente que chorei sobre o drama *Os dois sargentos* as minhas mais sentidas e mais ardentes lagrimas.

No estado de perturbação em que essas lagrimas deixaram o meu pobre espirito, não ha a serenidade imparcial indispensavel para julgar do merito d'esta composição, e para determinar rigorosamente a quantidade de valores que lhe pertençam em face de um exame equitativo; ignoro por conseguinte se a peça que acabo de ver admiravelmente desempenhada pela companhia do theatro de D. Maria, é um dramalhão absurdo, recortado nos figurinos banaes da Porte Saint Martin, ou se é um bom drama, bem architectado e logicamente deduzido; o que eu sei, porém, é que raras vezes na minha vida tenho experimentado uma tão completa e tão absoluta identificação de todo o meu ser, de todas as sensibilidades da minha alma, com a alma dos personagens, em que o auctor insuffou a existencia ideal concebida no enlace da fantasia que sonha e do coração que sente.

O segundo acto dos *Dois sargentos* é de um vigor dramático inexcédível e profundamente accentuado. A situação sem recorrer ao apparatus da *mise-en-scene*, dispensando-se de produzir efeitos complicados e lances preparados a *fortiori*, concentrando pelo contrario toda a sua intensidade em dois personagens e em uma unica scena, domina ainda assim absolutamente o auditorio, agita-o nervosamente, como se o tocasse uma pilha electrica, e arranca-lhe de um teclado intimo onde vibram mysteriosamente as dores e as alegrias, umas notas estranhas e convulsivas, perladadas de lagrimas.

Esse acto formosissimo, que vale toda a peça, onde se respira por vezes uma atmospheria shakesperiana, impõe aos artistas incumbidos de interpretal-o responsabilidades verdadeiramente esmagadoras.

Rossi e Casalini reputavam-o um dos seus mais laboriosos e por isso mesmo mais brilhantes successos.

Coube ao actor Brazão e á actriz Virginia o encargo espinhosissimo de represental-o. O resultado, confesso-o com orgulho, ao experimentar a grande e consoladora alegria de poder admirar sem restricções, excedeu tudo que havia direito a esperar d'esses dois elevados talentos.

Virginia, que não contente de ser ha muito a primeira ingenua do theatro portuguez, tem caminhado n'estes ultimos mezes assombrosamente, abordando generos perfeitamente oppostos, e colhendo em cada uma das creações evocadas pelo seu extraordinario talento um novo triumpho, deu um poderoso relevo dramático, admiravelmente sentido em todas as suas pungitivas fases, ao personagem da esposa do sargento Roberto.

Brazão reproduziu com surpreendente verdade a angustia dilacerante, a dor immensa, a luta sobrehumana que despedaçam o coração do infeliz condemnado á morte no momento em que a vida se reveste aos seus olhos de todas as seducções. Não se descreve a expressão, o gesto, a voz do grande actor ao soltar dos braços os filhos que julgava beijar pela ultima vez.

Sublime e ao mesmo tempo humano.

That is the question.

Para um jury que houvesse de assignalar a categoria a que pertence este peregrino talento, se acaso elle não estivesse já plenamente consagrado, bastaria o desempenho primorosissimo dos *Dois sargentos*.

João Rosa imprimiu no personagem do marechal, inferior de resto aos elevados recursos do eminente actor, um aspecto nobilissimo, absolutamente correspondente á missão transcendente que elle é chamado a exercer no drama.

Augusto Antunes reproduziu com notavel propriedade a figura typica do velho militar mutilado, e disse primorosamente as phrases *saccadeés*, de um comico delicioso, pronunciadas com voz trovejante, onde a commoção estremece por vezes, orvalhando-lhe de pranto o bigode grisalho.

Augusto Rosa foi um bello sargento elegantissimo, dizendo admiravelmente e vestindo irreprehensivelmente. Baptista Machado, Luiza Lopes, Cesar de Lacerda e outros concorreram para a unidade do desempenho.

Os Dois sargentos obtiveram um grande exito, apenas contrariado pela elevação da temperatura, que pede arvores e carapinhadas, e sobre tudo pelo decalogo da moda, que depois de execu-

das as ultimas cavatinas e os derradeiros alegros e de emigrarem os lyricos cantores, incluindo o sr. Reduzzi, prescreve a respeito de theatros, no 4.º ou 5.º mandamento, supponho eu:

«Não frequentarás.»

Theatro da Trindade

O CHALET, opereta em 1 acto, musica de Adam.—LUCRECIA BORGIA, parodia em 3 actos, original de José Romano.

O *Chalet* é um delicioso acto impregnado de um bucolismo encantador, não o bucolismo da egloga virgiliana que necessita para desenvolver-se as largas campinas inundadas de sol, onde os bois afogam o doce olhar melancolico nas hervas altas e nas cearas ondulantes, ou as amplas florestas abobadadas de arvores colossaes, mas o bucolismo garrido e finamente miniaturizado dos pannos dos leques pintados por Watteau e Greuze: um idyllio a Gessner, Daphnis e Chloé, Hero e Leandro, Pyramo e Thisbé, modelado em biscuit e pintado em porcellana.

A musica de Adam, bastante delicada para não resvalar no grotesco *décolleté* da opera buffa, e bastante espirituosa para não se guindar á esphera sabia da opera lyrica, uma musica de luvas *gris-perle*, soltando-se em rosarios de notas scintillantes como pingos de crystal facetado, tecendo rendas diaphanas, bordadas de arabescos finissimos, envolvendo-se n'um ambiente opalinizado, constellado de sorrisos graciosos, constitue o principal attractivo d'essa formosissima opereta, primorosamente cantada pela actriz Esther e pelos actores Portugal e Godefroy.

A voz extensissima e argentina, a dicção fulgurante de *verve*, a natural gentileza, a malicia petulante e *gaillarde* da graciosa actriz, hoje uma das mais distinctas no seu genero, imprimem ao personagem de Betly um tic verdadeiramente seductor. Esther canta deliciosamente, e não contente de dar á partitura a sua bella voz, disciplinada e educada pela sciencia da musica, dá-lhe a scintillação radiosa do seu grande talento de actriz.

Portugal e Godefroy afinam no diapasão, executando maravilhosamente a musica de Adam e partilhando com justiça os applausos devidos ao bello exito do *Chalet*, incontestavelmente a operetta mais bem cantada que temos ouvido no theatro da Trindade.

A *reprise* da *Lucrecia Borgia* agradou tambem extraordinariamente. Maria Joanna, que tem a especialidade das parodias, reproduziu optimamente o typo simultaneamente grotesco e tragico da Lucrecia voltada do avesso, e imitou com boa inflexão comica as *floritures* do canto italiano. Mafio Orsini appareceu-nos sensivelmente aformoseado. A substituição redundou toda em proveito do leviano commensal da Negroni. A actriz Josephia fez um Mafio gentilissimo e cantou muito bem a musica de Donizetti. Portugal, no papel de Genaro, Ribeiro no duque de Ferrara e Augusto arrancaram um sem numero de gargalhadas e fizeram ampla colheita de applausos.

Portugal cantou de uma maneira notavel, superior mesmo ao que é licito esperar de um tenor de opera comica.

PERFIS LYRICOS

BORGHI-MAMO

O nome de Borghi-Mamo, a interessante cantora que fez hontem no theatro S. Carlos o seu beneficio de fim de estação, traz-me á lembrança um tempo que não fixarei chronologicamente, porque não é minha especialidade a coordenação das datas. O que sei apenas é que eu, hoje velho, ainda não tinha então vinte e cinco annos.

Jornalisava na imprensa do Porto, e no jornal em que eu escrevia, estava-me adjudicado o folhetim, o noticiario, a critica d'arte, a *nouvelle à la main*, finalmente os papeis de galá de bocca de scena na companhia da redacção.

Que os governos cahissem ou que cahissem as religiões, que desabassem os thronos ou que se fizessem em estilhas os altares, rebentados, não pelo picrato ou pela nitro-glycerina, mas pela pol-

vora bombardeira das minas ou pelo *camartello dos iconoclastas*, que eram a esse tempo os unicos instrumentos de destruição que possuíamos — isso era-me perfeitamente e absolutamente indifferente. Taes casos competiam á exclusiva attribuição do *pai nobre*, encarregado de desgrenhar os periodos nas convulsões rhetoricas e tremendas do artigo de fundo.

Se, porém, se representava uma nova peça, se havia um concerto ou um baile, se se exhibia em publico pela primeira vez uma actriz, uma cantora, uma bailarina, ou um simples maestro de feira, garantido pela sua belleza, pelas suas dimensões, ou pelo seu peso nas côrtes estrangeiras, era então eu o incumbido de calçar pela redacção as minhas luvas brancas, como o principe Paulo na *Grã-Duqueza*, e de entrar donairosamente em campanha.

O redactor politico soprava as grossas notas campanudas e graves da nossa orchastração. Eu flauteava as ligeiras variações agudas. Havia ainda um sujeito especialmente encarregado de varrer a casa, e varios cavalheiros que se occupavam em distribuir a folha pelas casas dos assignantes. Sábia e equitativa distribuição do trabalho jornalístico!

Chegou então á cidade a cantora Borghi-Mamo, que ia com as primeiras partes da companhia de S. Carlos dar meia duzia de recitas extraordinarias a preços duplos, no theatro lyrico do Porto. Era um successo de immenso vulto para a chronica. Eu previ-o, e com um grande e nobre ardor esthetico peguei n'uma borracha e refiz uma virgindade, não de todo immaculada, aos dedos das minhas luvas de critico da platêa superior.

O redactor politico sorria com voluptuosidade á perspectiva da proxima *chômage* do artigo de fundo, aliás remunerado com vencimento fixo ao mez. O bemaventurado ia ter durante algumas noites a doce faculdade de se deitar mais cedo, dando folga de uma ou duas horas aos arduos labores da adjectivação incisiva com que tinha de verberar em cada numero do periodico os actos de uma adnistração *cahotica e incongruente*, mais que nenhuma outra *nefasta* ao jogo harmonico das instituições liberaes, de cuja guarda a cidade do Porto empunhava o *gladio*. Algumas vezes, em lugar de *gladio*, dizia-se o *labaro*, e este vocabulo tocava profundamente as imaginações dos commerciantes que haviam militado no *batalhão da carta* ou nos *voluntarios da rainha*.

Chegou emfim a primeira das recitas para que se abriera uma assignatura especial, e Borghi-Mamo appareceu na opera *Sapho*.

Era uma mulher magra, secca, extremamente nervosa, de uma physionomia desusada no vulgo. Tinha uma grande testa proeminente, lembrando um pouco a de Rachel. Os olhos, grandes, rasgados, tocados de um leve estrabismo divergente, davam-lhe uma expressão mysteriosa e profunda, de mascara de esphinge. O manto da tragedia cahia-lhe nos hombros como n'um marmore antigo, e a corôa de louros assentava-lhe tão correctamente na cabeça como se ella acabasse de descer do capitolio, victoriosa e triumphante. Nunca, até então, eu vira uma cantora viver, sentir, tão intensamente como ella, a expressão da musica, compenetrar-se tão profundamente da inspiração melodica, fazendo de um trecho concebido por outro artista, uma nova obra d'arte, perfeitamente original, cheia de personalidade e de força. Finalmente, nunca, até então, eu ouvira cantar tão bem, e devo acrescentar hoje que nunca, depois d'isso, tornei a ouvir cantar melhor, Borghi-Mamo não agradou.

Os musicos da orchestra, aos quaes ella tinha procurado ensinar a interpretar o sentimento da partitura, haviam-lhe retirado a sua admiração, e chamavam-a velha pedante, irreverente e tola.

As senhoras dos primeiros camarotes, pianistas da Sociedade Philharmonica, servas submissas da esthetica do methodo Carpentier, fizeram como os sacerdotes d'esse evangelho da escala, em exercicio na orchestra do theatro, e tambem não gostaram. *Os proprios professores da orchestra diziam que ella não prestava!* E as bellas dedilhadoras dos exercicios progressivos de Carpentier inclinavam-se submissas perante essa incontrastavel opinião, decisiva e categorica.

Eu sahi do theatro, furioso. O meu desejo era subir ao alto da Torre dos Clerigos e de lá, com um dos horrendos anathemas que ainda florescia na litteratura romantica do tempo, começar por arrasar a cidade com todos os seus pianos, salgando-a em seguida, para que nunca mais sobre as suas ruinas crescesse a herva em que se nutrem os espiritos vtaes das philharmonicas. A maioria do publico que tinha assistido á primeira recita de Borghi-Mamo, reti-

rara-se com a convicção de que ella era um pouco inferior á sr.^a Chiaramonte, sympathica, porém infeliz cantora de sexta classe, prima-donna na companhia lyrica do theatro de S. João, cujos espectaculos haviam sido interrompidos pelas recitas da companhia transplantada de S. Carlos...

Decididamente era preciso arrasar a cidade!

Eu tirei as minhas luvas brancas de chronista, e calcei para o artigo do outro dia improprios de dezeseis botões, até os cotovellos.

Os musicos, despeitados arrojaram sobre a minha cabeça todas as fugas do seu rancor de classe offendida. As pianistas fizeram côro com os musicos. Eu ouvi as ultimas.

Mas, no fim de contas, quem pagou as custas do litigio foi a innocente Madame Borghi-Mamo, á qual a critica dos pianos e a da orchestra cerceou em palmas toda a força do enthusiasmo que desejava applicar-me em pontapés.

Que a illustre cantora m'o perdoe! e, se estas linhas chegarem um dia a passar pelos seus olhos, que ella saiba tambem como foi que eu a vinguei!

Logo que Adelaide Borghi-Mamo se retirou do Porto, recomeceram os espectaculos interrompidos da companhia do theatro de S. João. Chiaramonte reaparecia ao publico no *Trovador*. Os pianos e a orchestra resolveram fazer uma manifestação ruidosa e entusiastica, de hostilidade indirecta a Borghi-Mamo. Grandes cestos cheios de flores subiam ás costas de espadaúdos gallegos para os camarotes de bocca da quarta ordem. No urdimento do palco havia saccos de rosas para serem esfolhadas em chuva no proscenio. Tinham-se impresso versos em papeis de côr para voejarem na sala, lançados das galerias á platêa em todos os finaes de acto. A orchestra estava de gravata branca, e, nas boccas dos figles, por traz dos rabeções, dentro dos chapêos dos musicos, por baixo da concha do ponto, alpardavam-se ramalhetes de grandes fitas, em cujas pontas reluziam, impressas a prata e a ouro, as dedicatorias a *Madame Chiaramonte, por occasião do seu reaparecimento no theatro lyrico do Porto, na gloriosa noite de tantos de tal, etc.* Nos camarotes, algumas senhoras, em meia *toilette* de gala, com pennas de marabú na cabeça, mexiam-se nervosamente, agitadas pelo bicho carpinteiro da vingança. Ellas sorriam com uma victoriosa expressão maligna, e os seus dentes pareciam-me teclas de velhos manicordios, armados em mandíbula para me morderem a nuca.

Felizmente, Madame Chiaramonte não apparecia para receber a ovação premeditada senão no segundo acto da opera: haveria ainda tempo de se preparar uma contra-ovação. Appareceram para esse fim seis homens de boa vontade, em cuja conta eu me achava comprehendido. Planeámos rapidamente a cousa, fallando-nos mysteriosamente ao ouvido uns dos outros, ao fundo de um corredor, debaixo de um bico de gaz. Depois, em pinchos diabolicos, de uma alegria lubrica, voámos na azã negra da conspiração ao café da *Agua de Ouro*, e ali nos armámos com os cabos de vassoura que se puderam obter no botequim e na hospedaria adjacente. Esses cabos de vassoura eram destinados a entrar na plateia escondidos por dentro das calças ao longo da perna e a serem desembainhados a um tempo em plena sala, no momento de rebentar a ovação, para o fim de uma pateada enorme, de arrasar ali tudo, os bancos, o lustre, os chapêus altos dos assignantes e as costellas de todo o diletantismo.

No café, vasio, porque todos os frequentadores se achavam a essa hora no theatro, assistindo ao primeiro acto da peça, os criados diziam-nos familiarmente:

— Então, hoje, ovação de arromba á Chiaramonte por despeito á Borghi, hein?

E nós, com um sarcasmo terrivel, posto que em apparencia sorridente, respondiamos:

— Sim, de arromba! é exactamente de arromba que ha de ser!

E os nossos dentes rangiam, emquanto, aproveitando uma repentina inspiração do genio, nós escreviamos sobre cada um dos cabos de vassoura as nossas respectivas divisas de guerra. Havia-as tremendas e horripilantes. A minha, que era a mais pacifica e a mais ordeira de todas, dizia simplesmente o seguinte ao longo do páu:

*Gloria a Deus! honra á Borghi! Abaixo Chiaramonte!
Morra o governador civil!*

N'esse magnifico trecho, que hoje me cabe a satisfação de offerer ao publico n'uma segunda edição definitiva, parece-me ter resumido com eloquente concisão todo o problema social do mundo moderno. Para um lado a religião, base de todo o progresso estabelecido; para outro lado a força bruta, encarregada de prender os apostolos das boas doutrinas; e no meio a arte, representada pelas duas figuras da gloria e da banalidade, exprimindo a passagem da delectavel theoria do evangelho para o desgostoso degredo perpetuo para a Costa d'África.

Francamente, esta minha concepção parece-me sublime, e, se o cabo de vassoura em que a inscrevi com mão firme, não tivesse sido desfeito em dezenas de bocados n'essa noite memoravel, elle seria a unica das minhas obras que eu consentiria em mandar encadernar para lustre e regalo de minha vaidosa personalidade.

Ao começar o segundo acto do *Trovador*, nós estávamos todos na sala sentados nos respectivos logares sabiamente designados, em seis importantes pontos estrategicos.

À entrada da dama, a Chiaramonte appareceu d'entre os arvores, vestida de setim verde, gorda, ventrada, reluzente como um enorme pingo phantastico de azeite com azebre, rolando em scena.

A orchestra, em pé, principiára a dar palmas. Os binoculos das senhoras assestavam-se affectuosos para o grande pingo verde que vinha rebolando para o proscenio. As petalas das rosas começavam a choviscar dos bambolins. Tres pombos brancos, com fitilhos cor de rosa no pescoço, soltos na sala, davam cabeçadas estonteadas no lustre. Papeis de côres sahiam em ondas revoltas, com fremitos d'azas, dos camarotes da quarta ordem. Verduras de ramalhetes rolavam no espaço em direcção ao grosso pingo d'asebre, que se approximava sorrindo e bracejando cumprimentos equitativamente distribuidos para a direita e para a esquerda do espectador.

N'isto, porém, os nossos seis cabos de vassoura apparecem no ar, nós e tetricos como outros tantos cirios funebres encarregados de acompanhar á cova aquelle triumpho condemnado pela natureza.

Um estrondo, enorme como um ribombo de trovão, preenche a sala, e uma espessa nuvem de poeira, arrancada das bancadas e do soalho da plateia, envolve o lustre e corre um véo denso entre o pingo verde do palco e os marabús da primeira ordem.

O regente da orchestra agita nervoso a batuta, repetindo inutilmente o signal para proseguir; mas nada se ouve senão o fragor medonho, espesso e cavo da pateada, atravez do qual, depois de meia hora d'ataque, me fere os ouvidos este grito lancinante de um dos meus irmãos d'armas: — *Mais vassouras!*

Eu atirei então para o meio da turba, na direcção d'essa voz, o que ainda me restava de munições de guerra, isto é, um palmo de pau, a parte d'elle em que se lia: — *Gloria a Deus!*

Os trechos relativos á arte e á administração publica haviam desaparecido em lascas.

Apezar dos esforços empregados pela policia para reconstruir o meu cabo de vassoura, com o fim de o enviar como corpo de delicto á alçada do competente juiz criminal, a minha legenda não pôde ser integralmente restituída. Desconfia-se que os musicos da orchestra se houvessem apoderado da minha parte de vassoura relativa á arte com o proposito vandalico de a queimarem. E assim veio a minha obra a desaparecer, como desapareceram a bibliotheca de Alexandria e outros monumentos da antiguidade, ás mãos dos barbaros.

Eu e os meus amigos gastámos tres mil réis em gratificações aos criados da *Aguia d'Ouro*, mas bem empregado dinheiro, porque o exito da pateada foi enorme!

Ella durou toda a santissima noite na confusão immensa do espectáculo e da sala. Velhos assignantes da superior, ferrenhos amantes da melodia e da ordem, cahiram apoplecticos sobre os ventres uns dos outros. Espectadores pacificos, que haviam comprado seus bilhetes para ouvirem tranquilllos a partitura de Verdi, berravam verdes de colera, por suas bocças e pelas bocças de suas mulheres e filhas, para que lhes fosse restituído o preço das entradas. Vozes convictas, de chefes de familia, rôxos, debruçados dos camarotes, com o punho cerrado para a platéa, bradavam: *Fóra os pateantes! fóra os indecentes!* O furor ministrou armas, como na *Eneida*, e, quando não tivemos mais vassouras com que bater no chão, batemos no chão com o proprio chão. Por entre os bancos escacados viam-se apparecer na sala, aqui e além, barrotos extrahidos do

soalho. O grande pingo verde offegava no camarim sob a applicação reagentes dos anti-spasmodicos. Os admiradores da *diva*, na confusão da dôr, haviam-se sentado sobre os proprios ramalhetes. Marabús espavoridos fugiam em vertigem pelo largo da Batalha, correndo para suas casas. A opera, finalmente, por mais que puxassem por ella a golpes de batuta, a bochechas de trompa e a berros das partes cantantes, não pôde de modo nenhum passar para diante do meio.

Dous ou tres annos depois de ter estado no Porto, Adelaide Borghi-Mamo cantava em Pariz no theatro dos Italianos. Uma noite, depois de ter sido objecto da ovação mais espontanea e mais entusiastica, ella pensou que nunea mais lhe seria possivel cantar melhor do que n'essa noite de inspiração, em que toda a sua alma lhe vicia á voz, impregnando-lh'a da profunda commoção vibrante e elegiaca de um adeus supremo. Essa noite esperava-a ella para acabar, como espirito fino e delicado, a sua carreira artistica, mandando ao publico no meio de um triumpho enorme o seu derradeiro beijo.

Ao entrar no camarim, no fim d'esse espectáculo, Borghi-Mamo rescindiu a sua escriptura com a empresa da sala Ventadour, e nunca mais voltou ao theatro.

A tristeza immensa que invade aquelles que vêem terminada a obra a que consagraram a melhor parte da sua existencia, essa tristeza mortal, de que tão eloquentemente falla Michelet, tinha de ser poupada a essa cantora eminente, porque, alem da gloria de ser artista, ella tinha a felicidade de ser mãe; e educar um filho é a mais bella maneira de sobrevivermos a nós mesmos n'uma segunda existencia inteiramente purificada pelo sacrificio, pelo desinteresse e pela abnegação.

Foi d'essa derradeira obra, a mais recolhida, a mais modesta, e todavia a mais bella talvez de madame Borghi-Mamo, que sahiu a joven cantora que os diletantes do theatro de S. Carlos acabam de applaudir com a mais legitima admiração, que a melhor sociedade de Lisboa recebeu nas suas salas, como a mais distincta senhora e que o theatro do Rio de Janeiro verá no seu palco na proxima estação lyrica.

Mademoiselle Herminia Borghi-Mamo é um bello e poderoso temperamento artistico. A paixão exclusiva e allucinatoria do estudo apoderou-se de todo o seu ser. Sente-se ao vel-a e ao ouvil-a na scena, que ella entrou na arte religiosamente, abdicando tudo, como poderia entrar no convento, e que ella vem para o publico como vão para a morte os possessores de uma ideia: — Sacrificando-lhe a sua vida, dando-lhe incondicionalmente a sua alma. E quando, depois de uma grande difficuldade vencida, de um grande effeito alcançado na interpretação fiel de um sentimento ou de uma paixão encarnada n'uma melodia, a sala inteira a applaude, os olhos d'ella riem de uma admiravel alegria de criança, e a sua grande bocca forte, de beiços grossos rigorosamente contornados como os que gostava de pintar Rembrandt, abre-se amplamente, em uma avidéz insensata, como se o coração d'ella precisasse de beber então de um unico folego todo o alento de que vive.

Anunciando aos leitores da *Gazeta de Noticias* a proxima viagem d'esta sympathica artista, eu faço votos porque a consagração americana do seu merito não precise no Rio de Janeiro dos campeões que no meu tempo quebraram pela mãe d'ella, no theatro do Porto, — não posso dizer, ai de mim! uma lança —, mas digo affoitamente: — todas as vassouras que se poderam obter.

RAMALHO ORTIGÃO.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

HONRA E GLORIA

(À Hespanha)

Cantai vós, ó almas ternas,
Allegres, meigas canções!
Ligai, em odes modernas,
Luzas palavras supernas;
Lembrema p'ra as gerações
Luzulentas do futuro,
Londe ver se possa impresso
L'uma — o Bem! n'outra — o Progresso!

Cuba, (Alementejo). — Maio, 1881.

MATHEUS PERES.

LIVROS NOVOS

Arrancamos ao novo livro de Alberto Delpit, um dos mais fecundos e delicados talentos da moderna geração franceza, os seguintes deliciosos versos. O livro intitula-se: *Les dieux qu'on brise*.

Carta a Zola

Je ne vous connais point, monsieur. Tant mieux pour moi.
Vous êtes parmi ceux qui s'imposent la loi
D'insulter chaque jour tout ce que l'on respecte.
Celui qui veut trouver une pensée abjecte
Prend un livre de vous, et le lit... au hasard.

UM TRECHO DELICADISSIMO

Mais que vienne avril qui rayonne
Tout renaît avec le printemps.
Dans la nature, qui s'étonne
D'avoir sommeillé si longtemps.

De même est le cœur de la femme:
Elle souffre, elle veut mourir;
La neige tombe dans son âme,
L'hiver d'amour la fait souffrir.

Comme se calme sa torture
Dès que luit le premier beau jour,
Au printemps renaît la nature,
La femme renaît à l'amour;

Car il faut leur donner sans cesse
Pour avoir un destin pareil,
A l'une un rayon de tendresse,
A l'autre un rayon de soleil.

ALBERTO DELPIT.

BIBLIOGRAPHIA

À glorificação de Calderon de la Barca, no segundo centenario da sua morte.

Assim se intitula o poemeto que acabamos de receber, devido à penna de Gomes de Amorim, e premiado com a medalha de ouro proposta pela Academia Hespanhola.

Os versos de Gomes de Amorim são formosissimos, e tem a par da alteza de conceitos a correção parnasiana. Sente-se que o poeta possuía completamente o seu assumpto, que se libra magestosamente rythmo em cadenciado e sonoro, ferindo por vezes a nota epica, e mantendo-se sempre na mesma esphera elevada e luminosa.

A distincção concedida a Gomes de Amorim honra por conseguinte, não só o poeta portuguez, que tão alto celebrou a gloria de Calderon, como o jury hespanhol que a conferiu.

* *

Publicou-se um novo livrinho pertencente á utilissima *Bibliotheca do povo e das escolas*, editada por David Corazzi.

Trata da *Chrographia de Portugal*, illustrada com o respectivo mappa.

* *

Recebemos os n.ºs 14 e 15 do *Jornal do Domingo*, excellente hebdomadario illustrado de que é director litterario o sr. Pinheiro Chagas, e gerente proprietario o sr. Augusto de Sampaio Garrido.

*

* *

Publicaram-se os n.ºs 19 e 20, pertencentes ao 31.º anno, do *Correo de la moda*, interessantissimo jornal de modas, proficiente-mente redigido pela distincta escriptora madrilense, Angela Grassi. Assigna-se para esta publicação na redacção das *Ribaltas*, rua dos Fanqueiros, 87, e na administração do *Correo de la moda*, Montera, 11, Madrid.

*

* *

Distribuiu-se o n.º 59 da *Moda Illustrada*, elegantissima publicação quinzenal de modas e litteratura, editada pelo sr. David Corazzi.

A *Moda Illustrada*, que rivalisa com os melhores jornaes estrangeiros, contém um consideravel numero de assignaturas, que augmentam de dia para dia, em Portugal e no Brazil. Assigna-se no escriptorio das *Horas Romanticas*, rua da Atalaya, 40 a 52.

*

* *

Começou a sair na *Illustração franceza, jornal universal*, um novo romance de Daudet, que tem por titulo *Numa Roumestan*.

CARTEIRA DE PRUDHON

Prudhon leva por vezes a delicadeza a uns excessos de prodigalidade comica.

Estando hontem nas Obras publicas, onde é empregado, entrou um sujeito e perguntou pelo director.

Prudhon, indicando o director, respondeu com toda a urbanidade:

— É aquelle seu criado.

Um negociante riquissimo celebra em um jantar os meios facilimos que empregou para adquirir uma fortuna.

— Vendi pelles, muitas pelles, e nada mais.

— Pelles, só pelles? mas isso é impossivel!

— Pelles, que levavam dentro negros.

ERRATA

Um erro typographico deu logar a que saisse no numero anterior 1.ª serie, em vez de 2.ª serie, que começa no n.º 26. — No folhetim *Albina* escaparam alguns erros, taes como *sensação* em vez de *tentação*, *perde* em vez de *perdi*.

HISTORIA DE UM GATO PRETO

16.º SONETO

(Falla um inglez gordo.)

Oh! não 'star «good» este gatine macho,
Que tante joia escangalhar co'as unhe
E que obrigue fazer um caramunhe,
Este menine... que bonite eu acho...

Ter este gato em pelle d'elle o diacho,
(Que ser o porco suje, e muito grunhe:)
Tal gato em Portugal mim não suppunhe!?
Min deita gato de janella abaixo!

E miu faz uma acção mui cavalheiro.
Que agradar toda a gente portuguez
E merecer um pinga de Madeire,

Bebide por um copo — gosto inglez —
Dos que vender ourives barateire
Que nunca se calár com 103.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

ALMANACH DAS SENHORAS

Vae entrar no prelo o *Almanach das Senhoras* para 1882, de que é redactora a sr.^a D. Guiomar Torrezão. O novo almanach, ao encetar o seu 12.^o anniversario, apresentará um sem numero de novidades e melhoramentos, que constituirão, estamos certos, outros tantos elementos de extracção. Esta publicação, unica no seu genero em Portugal, que tem caminhado sempre escudada por um exito seguro, augmentando de anno para anno as suas tiragens e ampliando o quadro dos seus leitores e collaboradores, entre os quaes figuram os primeiros nomes da litteratura portugueza e brazileira, corresponde d'esta maneira ao favor publico, obtendo assim novos titulos ao apreço dos seus numerosos leitores. O *Almanach das Senhoras* para 1882, que dispõe de uma collaboração brilhante, abrirá com o retrato photographico de madame Julietta Lamber, viuva Adam, a celebre republicana redactora da *Nouvelle Revue*, um dos orgãos mais adiantados da imprensa franceza. O retrato é acompanhado da biographia da grande jornalista franceza, escripta pela redactora do almanach, a sr.^a D. Guiomar Torrezão, e seguida de um autographo de madame Adam.

Inaugurará além d'isso o novo almanach uma serie de gravuras que illustrarão o texto, correspondendo assim ao gosto moderno que exige a par da imagem abstracta, realisada por meio da escripta, a imagem figurada por intermedio do lapis e da gravura. Tendo sido acolhida com geral apazimento a secção de problemas inaugurada no almanach de 1881, a empresa do *Almanach das Senhoras* resolveu desenvolvê-la, para o que convidou um illustre lente de mathematica que se dignou dispensar-lhe uma valiosa collecção de problemas. Os problemas do almanach para 1882 dividir-se-hão em duas series, sendo uma exclusivamente para o Brazil.

Todos os problemas são premiados, entregando-se o premio á primeira pessoa que enviar a solução, depois de exposto á venda o almanach, dirigindo-a á livraria Zeferino, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa, deposito principal e actual gerencia do *Almanach das Senhoras*.

Eis a relação dos principaes premios:

Uma argola DE PRATA para guardanapo.

Um *souvenir* DE PRATA.

Musicas.

Chromo-lythographias.

Collecções de jogos allemães em caixas de madeira com dados.

Um quadro a cartão, feito e offerecido pela ex.^{ma} sr.^a D. Elisa Curado.

Uma collecção do *Almanach das Senhoras*.

Livros de missa com capas de metal, (dois).

Livros: *Arabescos*, de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. — *L'Espagne moderne*, de madame Rattazzi. — *L'Homme noir*, de Alfredo Sirven, com um autographo de Victor Hugo. — *Bibliotheca do povo e das escolas*, uma serie de livrinhos de estudo. — *Contos sem nome*. — *Perfis moraes*, do dr. Baldy. — *El deber cumplido*, romance de D. Faustina Saez de Melgar, etc., etc., etc.

A empresa do *Almanach das Senhoras*, correspondendo por todas as fórmas á grande acceitação que encontrou na respeitavel classe commercial a secção de annuncios que encetou em 1877, a qual tem visto progressivamente augmentada, e desejando tornar o mais vantajosa possivel a publicidade dos mesmos, resolveu inaugurar no almanach para 1882 um novo genero de annuncio que submete á apreciação dos senhores annunciantes.

Como é sabido, a avultada tiragem e extraordinaria extracção do *Almanach das Senhoras*, em todo o reino, no Brazil, nas ilhas e colonias, dava de per si a maxima vulgarisação ao annuncio. A empresa, porém, tendo em vista facultar-lhe mais amplo desenvolvimento, vae publicar no futuro almanach, independente da secção de annuncios impressos em papel de cores diversas, e inserta no fim, o annuncio intercalado no texto, á imitação do que fazem identicas publicações na America, Inglaterra, França, etc. Custará cada annuncio, publicado na secção litteraria, o qual não poderá ocupar menos de uma pagina, 2\$500, subsistindo para os annuncios do fim do almanach o preço habitual, isto é, uma lauda 1\$500, meia 1\$000, paga adiantada. Além d'isto, a empresa do *Almanach das Senhoras*, empenhando-se em facilitar por todas as maneiras a divulgação do annuncio, cuja reconhecida utilidade é ocioso encarecer, publicará um catalogo commercial, com indicação dos estabelecimentos, pagando apenas cada annunciante 200 réis, podendo dispôr de uma linha para a menção da sua industria e residencia. Os srs. annunciantes que avaliando bem as vantagens que lhe offerecemos, queiram dispensar-nos os seus annuncios, sirvam-se fazel-o desde já, remetendo-os para a agencia BASTOS e GONÇALVES, rua dos Retrozeiros, 147, ou para a LIVRARIA ZEFERINO, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa, e no Porto para a *Agencia da Publicidade*, Praça de D. Pedro 23, indicando nos mesmos se desejam publicado o annuncio no texto ou no fim do livro.

AO COMMERCIO BRAZILEIRO

Os srs. annunciantes brazileiros que se dignem dispensar-nos os seus annuncios queiram remettel os aos nossos agentes, srs. Arthur Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95, Rio de Janeiro, onde se acham patentes os preços e condições dos mesmos. Os mesmos srs. são os unicos encarregados da venda do *Almanach das Senhoras* no Brazil, tendo tambem a seu cargo fazerem entrega dos premios ás pessoas que resolverem os problemas da edição brazileira.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 22.^o FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empresa

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS — LISBOA

Objectos para presentes

Os mais distinctos objectos para presentes que apparecem em Paris e S. Petersburgo, recebe-os como amostras o CENTRO COMMERCIAL, rua Aurea, 120 a 124 por isso ali tem sempre cousas que attrahem a sociedade elegante.

O «Centro» apresenta ao lado da bella luva aromatisada, a especialidade fina em artigos para mimos.

O «Centro» é a casa da moda.